

CARLOS MALHEIRO DIAS

Fabrizia de Souza Carrijo
USP

Mais conhecido como o autor do romance *A mulata* (1896), que gerou grande polêmica no meio intelectual luso-brasileiro, Carlos Malheiro Dias é dono de uma vasta e profícua produção literária hoje pouco conhecida e reconhecida que, em diversos sentidos, revela um forte engajamento político e social em relação ao momento em que viveu. Sem dúvida, foi dotado de grande sensibilidade, fazendo com que se tornasse um escritor muito conceituado, além de atuar como uma espécie de mediador cultural entre as literaturas brasileira e portuguesa, sendo ele mesmo possuidor de dupla nacionalidade.

Historiador, jornalista, diplomata, ficcionista, contista e cronista, Carlos Malheiro foi considerado um dos mais talentosos escritores portugueses. Em 1941, por conta de seu falecimento, Fialho d'Almeida o descreve como “esperado da seleção, possuidor de uma alma forte, uma cabeça sonhante e de um coração baboso de ternura, casando as realidades da vida com um poder de ideal transfigurante. São essas, qualidades por excelência, que traçam o perfil dessa figura luso-brasileira”. (ALMEIDA, 1941, p. 110).

O escritor nasceu no Porto em 1875. Era filho de Henrique Malheiro Dias, português, e de Adelaide Caroline Pereira de Araújo, natural do Rio Grande do Sul. Carlos Malheiro viveu largos períodos no Brasil, antes e depois da Proclamação da República. Aliás, foi um adversário da república. Em seus diversos escritos aparecem críticas políticas e históricas a esse regime. Com relação à publicação do romance de estreia do escritor, *A mulata*, Carlos Malheiro apresenta o protagonista da obra, Edmundo, como fruto de um determinado meio, de uma determinada geração e de uma época. Segundo Alexandre Pinheiro Torres:

[...] ao considerar Edmundo como típico de uma geração e de uma época, apresenta-o como fiel espelho dessas. Dessa forma, sendo Edmundo como é, tanto a geração como a época pouco ou nada valem. Ora, a geração seria aquela que no Brasil estaria, em 1895, pelos vinte anos de idade, e a época a da consolidação da república. O próprio Edmundo considera a sua geração como perdida e inútil. (DIAS, 1975, p. 22).

Ele mostrou-se bastante corajoso ao desqualificar abertamente o sistema político vigente no Brasil de então. Obviamente que isso não lhe saiu impune. Essa publicação desencadeou uma reação desfavorável que fez com que o escritor retornasse a Portugal, muito embora esse livro tenha sido dedicado a escritores como Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto, João Ribeiro e Filinto de Almeida. É provável que essa reação avessa à publicação de *A mulata* tenha ocorrido também pelo fato de que, na época, a literatura

era financiada pela elite política do Brasil e, evidentemente, uma afronta direta a essa elite poderia repercutir na vida econômica dos escritores que, em grande parte, possuíam cargos públicos e outros privilégios cedidos especialmente aos que se posicionavam favoravelmente ao regime político vigente. Também houve uma grande hostilidade com relação à publicação do livro por parte da imprensa do Rio de Janeiro, pelo fato de o escritor ter feito, dentro do romance, críticas diretas aos intelectuais da elite carioca.

Carlos Malheiro estudou direito na Universidade de Coimbra, mas não terminou o curso. Posteriormente, o escritor conclui a licenciatura no curso superior de Letras, em 1899, na Universidade de Lisboa. Foi eleito deputado em 1897, mas abandonou o cargo em 1910, devido à implantação da república em Portugal. Pela segunda vez, o escritor deixou um país por conta do estabelecimento do regime republicano. Interessante é o fato de que ele retorna nesse momento ao Brasil, país do qual já havia partido também por conta da implantação da república e das críticas escancaradas que fizera a esse sistema político, conforme já salientamos. Era, portanto, um monarquista convicto. Ao mesmo tempo em que possuía convicções fortes e bem determinadas, provavelmente aprendeu a matizar suas opiniões. Isso porque, mesmo tendo ido embora em meio aos alvoroços que o seu romance causou na elite brasileira, retornou anos mais tarde e conseguiu ser bem aceito como homem de letras, ganhando inclusive grande *status* como romancista e sendo, por muitos, considerado o sucessor de Eça de Queirós na literatura portuguesa.

Com relação a sua vida literária, em 1893, começou a escrever na revista *A Semana* do Rio de Janeiro, dirigida por Max Fleiuss e Valentim Magalhães. No mesmo número da revista que inseria o trecho do autor estreado, estavam publicados os resultados de um concurso aberto sobre os seis melhores romances da língua portuguesa, segundo a ordem de preferência dos leitores: 1º – *Os Maias*, 2º – *O primo Basílio*, 3º – *Memórias póstumas de Brás Cubas*, 4º – *A Relíquia*, 5º – *A mão e a luva*, 6º – *O Ateneu*. Como se observa, a preferência do público brasileiro estava voltada para os romances de Eça de Queirós e, seguindo a sua linha, Carlos Malheiro Dias afirmou-se como romancista. Após *A mulata* (1896), escreveu *Filho das ervas* (1900), *Os Telles de Albergaria* (1901), *Paixão de Maria do Céu* (1902), *O grande Cagliostro* (1905) e *A vencida* (1907). Como dramaturgo escreveu *As inimigas* (1913). Anteriormente, em 1894, já havia escrito no

Diário Popular de São Paulo, com o pseudônimo de Truão. Sua obra *Cenários* foi escrita nesse período e publicada por J. Cunha e Companhia. Em 1895, o escritor foi para o Rio de Janeiro e passou a escrever no jornal carioca *A Notícia*. Carlos Malheiro escreveu também no folhetim *Novos em quê?*, na coluna literária do jornal. Ainda em 1895, segundo Joaquim Paço d’Arcos (1961), Carlos Malheiro Dias publicou um artigo na revista *Perfis Contemporâneos*, intitulado “Retratos, Biographia e Literatura”, em que consagrou Eça de Queirós como o mestre das letras, chamando-o de mestre e de “autor da vida irônica”.

Segundo o artigo:

Desde o primeiro dia que Eça de Queirós nos apareceu, completo e perfeito, e remonta a primeira vez que o vi com o conde de Resende, subindo os Clérigos, no Porto – tinha eu quinze anos – E esse homem anguloso, de monóculo, trazendo nas maneiras e no trajar os hábitos das grandes civilizações de lá de fora, chegando a Terra Santa, a falar de Proudhon a Augusto Comte, assumiu por instantes as proporções de um Messias, regenerador e fecundo, apregoando o culto da ideia nova. (D'ARCOS, 1961, p. 17).

Nesse ponto, Carlos Malheiro julga Eça de Queirós um mestre, mas foi também considerado pela crítica, devido à sua obra jornalística e literária, como o “novo sucessor de Eça”. Segundo Susanne Castrillon (2002), houve uma conversa entre Eduardo Prado e João do Rio, que foi publicada no jornal *O País* (29/06/1918). Nela o primeiro falava ao segundo: “Menino, você leu o *Filho das hervas*? Pois fez bem. Eça desaparecido, o maior romancista da língua portuguesa é Malheiro Dias. Devemos ter com isso um certo orgulho. Carlos é tão brasileiro quanto português. Tem sangue rio-grandense”.

Antes de retornar ao Brasil em 1910, Carlos Malheiro viera ao país em uma missão jornalística e diplomática, para organizar os preparativos para a visita do rei D. Carlos, prevista para o ano seguinte. Quando o rei D. Carlos e seu herdeiro foram mortos, o escritor quis mostrar a Portugal simpatia e compreensão para com a figura do rei-infante D. Manuel II. Publicou então na *Ilustração Portuguesa* o estudo: “Quem é o rei de Portugal?”, e dedicou essa publicação à colônia de portugueses do Brasil. No texto, ele aclamou o novo rei e apontou o patriotismo como o caminho da libertação. Vale ressaltar que, mesmo depois que a monarquia acabou, o escritor continuou sendo monárquico e se posicionou contra a república. Entre 1904 e 1906, escreveu para o jornal brasileiro

Correio Paulistano as “Cartas de Lisboa”, reunidas sob o título: *Do desafio à debandada*. Nessas cartas, ele fez inúmeras críticas à república.

Quando, em 1910, Carlos Malheiro recebeu a notícia da Proclamação da República em Portugal, o escritor estava em Londres. Expôs então os seus sentimentos sobre essa mudança política no jornal *The Daily Mail* do dia 7 de outubro. Segundo os editores do jornal, a história teria feito cair a monarquia e dera entrada triunfal à república. Para Carlos Malheiro, no entanto: “O que imediatamente, num sumário exame de consciência concluímos, foi que a carreira política se fechara perante a vitória republicana”. (CHORÃO, 1992, p. 96).

Posteriormente, o escritor continuou a escrever crônicas em que se dividia entre acontecimentos políticos e cotidianos, e obras históricas. Uma das obras que merece destaque é sua *História da colonização portuguesa no Brasil*. Obra escrita em três volumes, durante os anos de 1921, 1923 e 1924, foi financiada por Albino Souza Cruz. Nela, o escritor argumenta contra a tese da casualidade e defende a intencionalidade do descobrimento do Brasil.

Em 1922, por conta do surgimento do modernismo de *Orpheu* nas letras lusas, Malheiro Dias confessou-se pessimista. Para ele, havia uma decadência em que o homem estava impossibilitado de viver da sua arte e para a sua arte. Nesse mesmo ano, saudou Antônio Ferro na conferência “A idade do *Jazz-Band*”, no Rio de Janeiro. Antônio Ferro foi um escritor, jornalista e político português que, com apenas 19 anos, foi editor da revista *Orpheu*, além de dirigir a revista *Ilustração Portuguesa* e fundar a revista *Panorama*. Em 1921, esse escritor publicou o manifesto modernista *Nós*. Era ainda simpatizante do fascismo, fascinado por Benito Mussolini e pelos regimes autoritários da época.

Carlos Malheiro se posicionou da seguinte forma com relação ao discurso de Antônio Ferro: “Pelo que se refere especialmente à mocidade, a vossa geração é a primeira que pensa e canta entre as ruínas e os escombros de uma sociedade derrubada”. (CHORÃO, 1992, p. 101). Ainda por esses tempos foi convidado a participar, por Eugênio de Castro, de uma conferência na Universidade de Coimbra. Todavia foi impedido de falar por um grupo de radicais que, segundo Bigotte, ali se instauraram criando um clima de ameaças ao escritor. O texto escrito para a conferência foi impresso e Carlos Malheiro deu-lhe o título de *Exortação à mocidade*. Neste texto, Malheiro Dias defende as ideias luso-brasileiras dentro de uma perspectiva antiliberal. Esta atitude esteve associada também à sua intervenção na política e na cultura portuguesa contemporânea, na qual a nação era interpretada pelo viés tradicionalista, idealista e socialmente conservador. As visitas mais constantes a Portugal, a partir de 1917, levaram Malheiro Dias a manter contato e a assimilar o nacionalismo reacionário e o antiliberalismo.

O escritor cultivou seu posicionamento político conservador em outros discursos, como aquele proclamado no Rio de Janeiro, na sala do Real Gabinete Português de Leitura, ao exaltar o serviço militar com o texto “A meu filho soldado”. Esse discurso foi incluído no volume das Forças Armadas intitulado *Antologia patriótica*. Compôs também, neste ambiente de instabilidade e de guerra, *Camões e a raça*, destinado à Semana Camoniana em São Paulo. Em 1932, pronunciava também uma louvação a Getúlio Vargas.

Carlos Malheiro Dias deixou ainda bastante claro o seu desejo de ver o Brasil e Portugal unidos. Em seus últimos livros, *Orações e conferência*, e *Pensadores brasileiros*, essa vontade de que as nações se unissem torna-se bastante evidente. Em 1934, devido à sugestão de Álvaro Pinto, ele e Ronald de Carvalho criaram duas câmaras de compensação de livros, uma em Lisboa e outra no Brasil, com vastas funções culturais. Nessa época Malheiro Dias ocupava o cargo de presidente do Supremo Conselho da Colônia Portuguesa no Brasil. No ano seguinte, em 1935, o escritor foi nomeado embaixador de Madrid. Como adoeceu, não chegou a tomar posse do cargo. Foi, então, submetido a uma intervenção cirúrgica, até que, no dia 19 de outubro de 1941, aos 86 anos, Carlos Malheiro Dias morreu em Lisboa.

De tudo o que podemos apreender sobre o percurso de Carlos Malheiro Dias, o que mais se evidencia é a sua vontade de aproximar Brasil e Portugal. Se no plano político as duas nações já não tinham mais como constituir uma unidade, no plano cultural Portugal e Brasil poderiam ainda formar um único e só reinado literário de língua portuguesa, restaurando ao menos em parte a monarquia luso-brasileira, cujo fim tanto lamentara.

REFERÊNCIAS:

Bibliografia ativa:

DIAS, Carlos Malheiro. *Scenários: Phantasia sobre a história antiga*. Rio de Janeiro: J. Cunha e C., 1894.

_____. *A mulata*. Rio de Janeiro: Editores Quaresma e C., 1896.

_____. *Filho das hervas*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1900.

_____. *Paixão de Maria do Céu*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1902.

_____. *O grande Cagliostro: novela romântica*. 2. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1905.

_____. *A vencida: novellas*. Coimbra: França Amado, 1907.

_____. *Os Telles de Albergaria*. Lisboa: Livraria Francisco Alves & Cia., 1910.

_____. *Quem é o rei de Portugal*. Lisboa: Separata da Ilustração Portuguesa, 1912.

_____. *Em redor de um grande drama: subsídios para a história da sociedade portuguesa*. 2 ed. Califórnia: Aillaud & Bertand, Universidade da Califórnia, 2009.

_____. *Portugal – Brasil*. Rio de Janeiro: Discurso, 1919.

_____. *Exortação à mocidade*. (ensaio). 2. ed. Lisboa: Ed. Portugal-Brasil, 1925.

_____. *Camões e a raça*. (conferência). Lisboa: Sólivros de Portugal, 1985.

Bibliografia passiva:

ABREU, Maria Fernanda de. *Mulata e histórica: um retrato brasileiro de Carlos Malheiro Dias*. Lisboa: Universidade Nova Lisboa, 1999. Coleção Figuras de Lusofonia.

ALMEIDA, Fialho de. *Figuras de destaque*. Lisboa: Clássica Editora, 1923.

CASTRILLON, Susanne Maria Lima. *A mulata de Carlos Malheiro Dias: imagem e poder*. Dissertação de Mestrado apresentado ao DLCV da USP. São Paulo, 2002.

CHORÃO, João Bigotte. *Carlos Malheiro Dias na ficção e na história*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1992. v. 121. Biblioteca Breve – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

D'ARCOS, Joaquim Paço. *Carlos Malheiro Dias: escritor luso-brasileiro*. Separata da *Revista Ocidente*, Lisboa, v. LX, 1961.

FREITAS, Maria Neni. *Carlos Malheiro Dias e o Filho das hervas*. Belo Horizonte: Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa, 1979.

SARAIVA, Antônio José. *História da literatura portuguesa*. Lisboa: Martins Fontes, 1955.

SIMÕES, João Gaspar. *Carlos Malheiro Dias*. Porto: Caminho, 1942.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TORRES, Alexandre Pinheiros. Prefácio de *A mulata*. In: DIAS, Carlos Malheiro. *A mulata*. Lisboa: Arcádia,

1975. Jornais e Revistas:

Jornal *O País*, Rio de Janeiro, 10/07/1986.

Revista da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Anais de janeiro a dezembro de 1942.

Minicurrículo:

Fabrizia de Souza Carrijo é formada em Letras pela Universidade de São Paulo (2004). Fez mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo, obtendo o título de mestre em 2008. Atualmente, é aluna do doutorado em Literatura Portuguesa na mesma universidade.